**ANEXO I**

**CAPÍTULO XX**

**ANÁLISE DA VIOLÊNCIA RELACIONADA A LESBOFOBIA NO BRASIL**

**ANALYSIS OF VIOLENCE RELATED TO LESBOPHOBIA IN BRAZIL**

**RESUMO**

**Introdução:** A violência direcionada a mulheres lésbicas caracteriza-se como um grupo amplo que deleções, indo desde a violência dos corpos lésbicos até a perda de direitos garantidos na constituição. E que os impactos dessas violências se perpetuam em todos os campos de vida da mulher lésbica. Faz-se necessário entender a questão grave de saúde pública que isso representa e justifica-se a realização desse estudo. **Objetivo**: realizar um levantamento acerca da literatura disponível sobre a lesbofobia e violências sofridas pelas mulheres lésbicas no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura a partir de dados oficiais de órgãos governamentais, grupos LGBT e base de dados: Scielo e BVS. **Resultados e Discussão:** Foram utilizados 8 estudos que permitiram a discussão temática da A invisibilidade da violência contra à população LGBTQIAPN+, Estruturação da violência contra as mulheres lésbicas e Dados sobre a violência contra mulheres lésbicas. **Considerações Finais:** A escassez de dados evidencia a necessidade urgente de mais estudos que busquem identificar as variáveis relacionadas a violência conta a mulher lésbica. E obter dados reais que possam ser estudados e divulgados no sentindo de fortalecer as estratégias de controle que combatam tal violência.

**Palavras-chave:** violência contra mulher; lesbianidades; lésbica.

**ABSTRACT**

Introduction: Violence directed at lesbian women is characterized as a broad group that excludes, ranging from violence against lesbian bodies to the loss of rights guaranteed in the constitution. And that the impacts of this violence are perpetuated in all areas of a lesbian woman's life. It is necessary to understand the serious public health issue that this represents and the carrying out of this study is justified. Objective: to carry out a survey of the available literature on lesbophobia and violence suffered by lesbian women in Brazil. Methodology: This is a literature review based on official data from government bodies, LGBT groups and databases: Scielo and VHL. Results and Discussion: 8 studies were used that allowed thematic discussion of The invisibility of violence against the LGBTQIAPN+ population, Structuring of violence against lesbian women and Data on violence against lesbian women. Final Considerations: The scarcity of data highlights the urgent need for more studies that seek to identify the variables related to violence against lesbian women. And obtain real data that can be studied and disseminated in order to strengthen control strategies that combat such violence.

**Keywords:** violence against women; lesbianities; lesbian.

**1 INTRODUÇÃO**

A violência contra mulheres trata-se de fenômeno complexo e determinado por inúmeros fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos. Podendo configurar-se em agressões, estupros, feminicídios e qualquer outra forma de violação dos direitos inerentes às mulheres. Nesse contexto, destaca-se a lesbofobia compreendida como uma violência direcionada a mulheres lésbicas devido a sua orientação sexual que se contrapõe à heterossexualidade compulsória social (Rocha, Souza, Franco, 2021).

Em um cenário em que a heteronormatividade é privilegiada e dita normal e a homossexualidade desviante e patológica, a violência surge como um instrumento na manutenção de um status quo que constantemente incide sobre as mulheres, desde a construção de suas identidades, até as relações com outros sujeitos e no próprio reconhecimento de direitos pelas esferas públicas (Braga, Ribeiro, Caetano, 2022).

Considerando que a violência direcionada a mulheres lésbicas caracteriza-se como um grupo amplo que deleções, indo desde a violência dos corpos lésbicos até a perda de direitos garantidos na constituição. E que os impactos dessas violências se perpetuam em todos os campos de vida da mulher lésbica. Faz-se necessário entender a questão grave de saúde pública que isso representa e justifica-se a realização desse estudo. O objetivo geral do estudo é realizar um levantamento acerca da literatura disponível sobre a lesbofobia e violências sofridas pelas mulheres lésbicas no Brasil.

**2 METODOLOGIA**

O presente estudo foi uma revisão narrativa de literatura realizada a partir de documentos publicados por órgãos oficiais do governo brasileiro e por documentos produzidos por organizações e associações LGBTQIAPN+. Bem como de artigos buscados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) publicados entre 2016 e 2023. Foram utilizados os descritores em saúde: violência, Pessoas LGBT, Lésbicas. Foram encontrados 17 estudos na base de dados Scielo e 450 estudos na Biblioteca Virtual em Saúde. Após a aplicação dos critérios de inclusão: (I) Trabalhos Publicados entre 2016 e 2023, (II) Trabalhos disponíveis na íntegra e (III) Trabalhos publicados em inglês, espanhol e inglês. E exclusão de trabalhos duplicados, que não estivessem disponíveis na íntegra gratuitamente, estudos de revisão e que fugissem da temática de violência contra mulheres lésbicas relacionadas a lesbofobia. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 8 trabalhos para serem discutidos.

**3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

**A invisibilidade da violência contra à população LGBTQIAPN+**

A análise dos dados aqui realizada dar-se-á por dois conjuntos de dados: um deles referente à produção do Disque Direitos Humanos (Disque 100) e outro produzido pelo Sistema Nacional de Informações e Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde.

No período compreendido entre 2011 e 2019 o Disque 100 registrou, em média, 1.666 denúncias anuais de violências contra pessoas LGBTQI+. Na análise da série histórica destaca-se o ano de 2012, quando o sistema registrou 3.031 denúncias e o ano de 2019, que apresentou redução expressiva e fechou com apenas 833 denúncias, redução de 50% em relação ao ano anterior. Os dados coletados pelo Sinan indicam que não houve redução das notificações de violências no sistema de saúde no ano de 2019, indicando que os dados do Disque 100 estão provavelmente subestimados (Cerqueira et al., 2021).

Os motivos para que as pessoas não recorram ao serviço para fazer denúncias podem ser inúmeros, desde a falta de confiança no equipamento gerido pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, até a falta de prioridade política e financeira dada ao tema pelo órgão, ou a eventual redução da divulgação do canal de denúncias (Ferreira, 2021).

O aprofundamento da invisibilidade da violência contra à população LGBTQI+ sugerido nos dados do Disque 100 se reproduz, em alguma medida, nos dados do SINAN. A complexidade da questão se faz evidente quando encaramos o baixo preenchimento de dados de orientação sexual e identidade de gênero. Vale destacar que este não é um problema exclusivo do sistema de saúde, dado que o mesmo desafio é encontrado nos registros de justiça criminal, que geralmente nem contam com um campo de preenchimento específico para estes aspectos, distinguindo apenas a variável sexo. No caso da saúde, especificamente, considerando que estas variáveis foram incorporadas ao formulário em 2014, é ainda um período recente e de adaptação dos profissionais responsáveis por preencher de forma adequada e correta a ficha de notificação (Cerqueira et al., 2021).

De acordo com os números de notificações de violências registrados pelo SINAN entre 2018 e 2019. Verificou-se um crescimento bruto de 5% nas violências contra homossexuais e 37,1% nas violências contra bissexuais, passando de 4.855 registros em 2018 para 5.330 em 2019. A maior parte dos registros de violências por orientação sexual é de pessoas assumidamente homossexuais, perfazendo 81,8% do total de notificações no último ano. Especificamente entre homossexuais, o crescimento dos registros de violências foi de 5,4%, e entre bissexuais, de 37,1%.

**Estruturação da violência contra as mulheres lésbicas**

A ditadura heteronormativa cumpre a função de “normalizar” as relações entre os sexos e os gêneros tanto por meio do sexismo que oprime as mulheres e o feminino e obriga os homens a se posicionarem no terreno da masculinidade e opostamente, as mulheres a se posicionarem no território da feminilidade. Desses dois processos deriva, portanto, a homofobia, que aparece como defesa/ataque/interdição que visa afastar todo e qualquer questionamento ou desestabilização do paradigma da dominação masculina implícito na heteronormatividade. As mulheres homossexuais, especialmente quando “masculinizadas”, são vitimizadas, porque deixam de cumprir sua função de disponibilidade aos homens, já que se acredita que não cumprirão seu papel de reprodutoras, e porque não são aceitas no universo viril, já que não possuem pênis. Ainda, ao se identificarem como lésbicas, assumem postura ativa em relação ao seu desejo sexual – atitude esperada apenas para os padrões de masculinidade hegemônica – e, assim, são rechaçadas pelos homens e por outras mulheres, pois ultrapassam a barreira do silêncio em relação à suposta passividade feminina (Rondini, Teixeira Filho, Toledo, 2017).

As mulheres, independentemente de serem lésbicas ou heterossexuais, são orientadas, nas sociedades patriarcais, a se submeterem e estarem disponíveis aos homens, não necessariamente no sentido sexual, mas em temos de obediência, admiração e dependência. E, nesse processo de manter a mulher subserviente e dominada pelo poder masculino, é necessário dispor de modos de subjetivação do feminino fora da autonomia, da confiança e da liberdade. A misoginia tem cumprido com bastante êxito esse objetivo. Ou seja, acreditamos que a violência e a exclusão lesbofóbica não emanem somente da necessidade dupla de produzir sujeitos que respeitem as normas de gênero e de garantir a supremacia cisheteropatriarcal, pois ressaltamos também que, no próprio processo de “ser” mulher, está implicado um ódio ao feminino (misoginia) e às suas formas de aliança (lesbofobia). Destarte, ainda que uma mulher seja heterossexual e cumpra, de modo razoável, com as expectativas esperadas para o seu gênero, ela terá que negociar com o peso da inferioridade quase irresolvível, constante e alienadora (Braga, Ribeiro, Caetano, 2022).

Mulheres lésbicas e bissexuais têm necessidades singulares de cuidados de saúde, relacionadas à sua acentuada vulnerabilidade à violência e ao contexto social opressivo e discriminatório no qual vivem. Alvo preferencial de processos de estigmatização, elas são duplamente estigmatizadas, marginalizadas e penalizadas: por serem mulheres e por terem orientação sexual não heteronormativa (Souza et al., 2021).

**Dados sobre a violência contra mulheres lésbicas**

Segundo dados do LesboCenso Nacional, A maior parte das entrevistadas já sofreu algum tipo de lesbofobia (78.61%) e tem conhecidas que já sofreram algum tipo de violência por serem lésbicas ou sapatão (77.39%). Os tipos de atos lesbofóbicos mais destacados foram: assédio moral (31.36%), assédio sexual (20.84%) e violência psicológica (18.39%). Em relação às situações de violência, as que mais se destacaram foram: a interrupção da fala (92.03%), contato sexual forçado sem penetração (39.17%), impedimento de sair de casa (36.46%) e obrigadas a manter relações sexuais com penetração (24.76%). A rua foi o local onde, com maior frequência, ocorreu a lesbofobia (19.66%), seguida pela casa (14.68%) e local de lazer (11.90%). No que se refere ao/à agente causadora/r/e de violência, a família apareceu com 29.32%, número em que se destacam as figuras da mãe (9.92%) como principal agente de lesbofobia. Sobre o lesbocídio, 6.26% relataram que conheciam lésbicas ou sapatão que foram mortas por conta da sua orientação sexual e/ou expressão de gênero (Tagliamento, Brunetto, Almeida, 2022).

No ano de 2021, houve 12 casos de mortes de mulheres lésbicas no Brasil. O que representa 4% das mortes de pessoas LGBTQIAPN+ no ano relatado. Os principais instrumentos utilizados pelos agressores foram arma branca (28,33 %), seguido de arma de fogo (24,33 %). O que evidencia o requinte de crueldade, reflexo do ódio dos agressores às vítimas. Os principais locais dos crimes são a residência e logradouro público

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os altos índices de violência direcionados a mulheres lésbicas, bem como a toda população LGBTQIAPN+, evidencia a necessidade de se educar as comunidades e promover o ensino nas escolas acerca de identidade de gênero e orientação sexual. A partir disso, poderá haver a desconstrução do machismo impregnado na sociedade cisheteronormativa atual. Entendendo que os crimes de ódio se perpetuam por conta dos preconceitos estabelecidos nas relações socias que tendem a legitimar a heterossexualidade enquanto condição dominante e a subjugar os desviantes de condutas tipicamente aceitas (homossexuais e transexuais). Há ainda que se fortalecer as políticas públicas já estabelecidas que visem diminuir a perda de direitos civis adquiridos, bem como deslegitimar esses corpos que continuam a serem violentamente atacados. A escassez de dados evidencia a necessidade urgente de mais estudos que busquem identificar as variáveis relacionadas a violência conta a mulher lésbica. E obter dados reais que possam ser estudados e divulgados no sentindo de fortalecer as estratégias de controle que combatam tal violência.

**REFERÊNCIAS**

BRAGA, K. D. DA S.; RIBEIRO, A. I. M.; CAETANO, M. R. V. Lesbofobia familiar: técnicas para produzir e regular feminilidades heterocentradas. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20190082, 2022.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP. 2021.

FERREIRA, L. Pouco dinheiro gasto por ministério de Damares em 2020 impacta mulheres e LGBT+ e gera temor sobre futuro da pasta. **Gênero e Número**. 14 jan. 2021.

MELO, M. S. P. **Formas de violência contra mulheres lésbicas: um estudo sobre percepções, discursos e práticas.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 162. 2016.

OLIVEIRA, J. M. D.; MOTT, L. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2021. Salvador: 1ª ed. 2022. 78 p.

ROCHA, I. A., SOUZA, T. M. C., FRANCO, M. N. Investigando as violências sofridas por mulheres lésbicas universitárias. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 39-57, abr. 2021.

RONDINI, C. A.; TEIXEIRA, F. S.; TOLEDO, L. G. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. Piscologia USP, v. 28, n. 1, p. 57-71, jan. 2017.

SOUZA, C. de et al. Violência contra mulheres lésbicas/bissexuais e vulnerabilidade em saúde: revisão da literatura. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 22, n. 2, p. 437-453, 2021.

TAGLIAMENTO, G.; BRUNETTO, D.; ALMEIDA, R. M**. I LesboCenso Nacional: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil.** 212 f. 2022.